

DO JEITINHO À VERSATILIDADE: COMO A MULTICARREIRA NO BRASIL PREPARA ARTISTAS PARA O MERCADO AMERICANO

JÉSSICA ALVES ARAÚJO

St. Francis College (SFC), Brooklyn, New York, Estados Unidos da América

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar de que forma a multicarreira de artistas brasileiros os preparam para atuar no mercado artístico norte-americano. Com abordagem qualitativa, sustentado pela revisão bibliográfica e estudos de caso, investiga-se o papel da educação informal, da autogestão e da versatilidade como fatores de formação profissional. A partir de autores como Bourdieu, Freire e Giddens, argumenta-se que o *"jeitinho brasileiro"* pode ser entendido como competência criativa valorizada globalmente. Conclui-se que trajetórias híbridas, embora pouco reconhecidas institucionalmente no Brasil, são um diferencial competitivo em contextos mais estruturados.

PALAVRA-CHAVE: Multicarreira; Artistas Brasileiros; Educação Informal; Soft Skills.

INTRODUÇÃO

Nos bastidores da produção artística brasileira, o talento caminha lado a lado com a improvisação e a reinvenção. Mais do que uma escolha estética, trata-se de uma necessidade moldada pela escassez. Em um cenário onde a carreira nas artes dificilmente garante estabilidade financeira, a atuação multicarreira deixou de ser exceção para se tornar norma, não apenas por uma questão de necessidade, mas como estratégia vital de criação e sobrevivência. Essa dinâmica impulsiona a consolidação de um modelo formativo alternativo, caracterizado por sua natureza híbrida, não formal e, frequentemente, ignorada pelas estatísticas oficiais. O que parece ser apenas uma sobreposição de funções e uma fragmentação de tempo revela, na prática, uma pedagogia eficaz, embora fora dos moldes institucionais.

A precariedade estrutural das políticas culturais no Brasil, somada à desigualdade no acesso à educação formal, empurra os artistas para percursos profissionais não convencionais. Esses trajetos envolvem alternância de funções, transição entre linguagens e inserção em diferentes campos de atuação. Como observa Cerqueira (2018), a formação artística brasileira se dá, em grande parte, por meio de espaços alternativos de aprendizagem, como coletivos, oficinas, projetos comunitários e práticas autônomas, gerando saberes múltiplos e contextualizados. Muitos artistas desenvolvem suas habilidades na prática, aprendendo por meio da experiência direta e das trocas em rede.

Essa multiplicidade de papéis e vivências não é apenas reflexo de adversidades, mas uma fonte de diferenciação em mercados mais estruturados, como o dos Estados Unidos. Acostumados ao improviso, a prazos apertados e à gestão de recursos escassos, artistas brasileiros desenvolvem competências adaptativas que hoje são altamente valorizadas em escala global: criatividade, liderança, flexibilidade e autogestão (Gomes,

Moraes e Helal, 2015). Nesse contexto, o "*jeitinho brasileiro*", frequentemente alvo de críticas no âmbito institucional, ganha nova interpretação: passa a ser visto como uma forma de inteligência prática, culturalmente construída, que transforma limitações em soluções inventivas (Amaral; Miorim, 2022).

É nesse cenário que se insere o problema central desta pesquisa: de que maneira a experiência multicarreira, forjada em um ambiente marcado pela instabilidade e informalidade, prepara artistas brasileiros para atuar com sucesso no mercado artístico norte-americano? E, além disso, como o "*jeitinho brasileiro*", tradicionalmente vinculado à informalidade, pode ser reconhecido como uma competência criativa legítima com valor transnacional? Conforme apontam Amaral e Miorim (2022), estratégias que no Brasil são vistas como reflexo de carência estrutural, fora do país podem ser lidas como indicadores de versatilidade, criatividade e inovação.

A relevância desta pesquisa reside em sua capacidade de lançar luz sobre formas alternativas de formação artística, ainda subestimadas por setores acadêmicos e institucionais. Como argumenta Gohn (2006), a educação não formal deve ser reconhecida como um campo legítimo de construção de saberes e fortalecimento da cidadania cultural. Assim, a experiência de artistas multicarreira não representa precariedade, mas sim uma potente manifestação de resiliência e inovação, especialmente num momento em que o campo artístico global passa por intensas transformações.

Este estudo tem como objetivo geral compreender como a trajetória multicarreira, construída no contexto brasileiro, contribui para a inserção de artistas no mercado dos Estados Unidos. Os objetivos específicos incluem: (a) mapear as competências transnacionais derivadas dessa experiência; (b) discutir o papel da educação informal e da prática profissional híbrida na formação artística; e (c) refletir sobre políticas públicas e práticas pedagógicas que valorizem esse modelo formativo.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, apoiada em revisão bibliográfica interdisciplinar (Educação, Cultura e Artes) e na análise de estudos de caso de artistas brasileiros em atuação internacional. A abordagem teórica dialoga com autores como Bourdieu (capital cultural), Giddens (trajetórias reflexivas) e Freire (formação crítica pela experiência), articulando teoria e prática em uma perspectiva integradora.

FORMAÇÃO POR EXPERIÊNCIA E EDUCAÇÃO INFORMAL

No Brasil, uma grande parte dos artistas constrói sua trajetória longe dos caminhos tradicionais das instituições acadêmicas. Em vez de se iniciarem em salas de aula formais, muitos começam sua jornada artística em oficinas culturais, coletivos locais, grupos independentes, cursos livres ou mesmo como autodidatas. Embora esse percurso seja frequentemente visto como "*alternativo*", na prática, revela-se um processo formativo consistente, onde a prática precede a teoria. Nesse contexto, a vivência e o fazer assumem o papel que, em outras realidades, seria desempenhado por diplomas ou certificações.

Diversos fatores, desde dificuldades financeiras até limitações geográficas, dificultam o acesso de muitos artistas ao ensino superior público e à formação artística especializada. Como consequência, é comum que esses profissionais iniciem seu aprendizado em espaços informais, onde a aprendizagem se dá de forma espontânea, fluida: por meio da prática, da observação, dos erros, e, sobretudo, da troca com outros artistas mais experientes. Gohn (2006, p. 34) destaca que a educação não formal “não se opõe à educação escolar, mas a amplia”, pois valoriza os saberes construídos na experiência cotidiana. Essa ampliação é particularmente importante na formação artística, que demanda não só conhecimento técnico, mas também sensibilidade, autonomia e preparo para lidar com o imprevisto, habilidades pouco abordadas em cursos convencionais.

Frequentemente, essa formação informal não apenas preenche lacunas, como também complementa a formação acadêmica. Muitos artistas ingressam em instituições formais já com uma bagagem sólida, construída em anos de prática. Outros mantêm trajetórias híbridas, alternando entre cursos livres e experiências práticas. Nesses casos, a flexibilidade é mais do que uma habilidade é um verdadeiro recurso pedagógico.

A pedagogia freiriana oferece uma chave importante para compreender esse fenômeno. Para Paulo Freire (1996), a educação deve se apoiar na vivência concreta dos sujeitos, valorizando sua capacidade de refletir sobre o mundo e sobre si mesmos. Nesse sentido, ele afirma que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (p. 30), o que implica reconhecer, também na formação artística, o valor do conhecimento que nasce da prática, e não apenas da academia.

Dessa forma, os coletivos, oficinas e espaços culturais comunitários configuram-se como ambientes de educação libertadora. Neles, os participantes não apenas desenvolvem técnica, mas também constroem uma consciência crítica, senso de coletividade e autonomia organizacional. Como pontuam Gomes, Moraes e Helal (2015, p. 505):

A formação artística, no contexto contemporâneo, é atravessada por experiências não escolares, constituídas na prática colaborativa, no engajamento em coletivos e na vivência contínua com o fazer artístico. Trata-se de uma formação que ocorre no fluxo do trabalho, fora das salas de aula convencionais.

Mesmo não regulamentada por currículos oficiais, essa formação abrange saberes fundamentais. Dentre eles, destacam-se o improviso, a adaptabilidade, a criatividade, a empatia, a gestão do tempo, o trabalho coletivo e a mobilização de recursos. Como observa Biesdorf (2011, p. 159), essa modalidade formativa “está mais próxima de processos de iniciação colaborativa do que da certificação institucional”, mas forma profissionais altamente preparados para atuar em um mercado artístico que exige versatilidade e inovação. Muitos artistas, mesmo sem acesso contínuo ao ensino superior, constroem um repertório técnico sólido por meio de formações livres, entrando em contato com métodos amplamente utilizados internacionalmente, como Stanislavsky, Meisner, Adler e Chubbuck. Esses métodos são difundidos em oficinas e workshops intensivos, compondo o arcabouço técnico de atores que circulam entre produções locais e internacionais, muitas vezes sem terem passado por universidades.

A atuação em rede, característica marcante de coletivos e grupos independentes, favorece o desenvolvimento de habilidades como negociação, divisão de tarefas e resolução de conflitos. Em muitos contextos, o artista assume, simultaneamente, papéis de produtor, gestor, cenógrafo, comunicador, o que amplia sua visão sobre o processo criativo e fortalece sua autonomia. Amaral e Miorim (2022) observam que essa formação multifuncional, frequentemente desvalorizada no Brasil, é vista no exterior como sinal de capacidade de adaptação, resiliência e proatividade.

Mais do que conteúdos técnicos, esses espaços transmitem valores. Promovem uma ética baseada na cooperação, na coletividade e na resistência. Neles, a arte deixa de ser apenas um produto para se tornar um processo de formação pessoal e cidadã. Como sintetiza Biesdorf (2011), é a partir da prática, da urgência e da vivência coletiva que muitos artistas brasileiros aprendem a criar, decidir e sustentar seus projetos e esse aprendizado, embora não formalizado, é consistente e eficaz. Trata-se de uma formação moldada por uma realidade, que alia competência técnica à sensibilidade e à capacidade de articulação.

Em um cenário artístico global que valoriza profissionais multifacetados, a experiência brasileira oferece contribuições relevantes. O improviso cotidiano, forjado na ausência de estrutura, transforma-se em habilidade estratégica. A capacidade de articular diferentes funções e linguagens torna-se diferencial competitivo. A formação baseada na prática, na experiência e na coletividade deixa de ser apenas uma alternativa para ser uma vantagem.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: BOURDIEU, GIDDENS E FREIRE

Para compreender a formação artística multicarreira e sua projeção internacional, é preciso ir além da análise prática. Essa compreensão exige um arcabouço teórico que conecte estrutura social, identidade e vivência. Neste estudo, três autores contribuem com perspectivas complementares: Pierre Bourdieu, com sua teoria dos capitais; Anthony Giddens, com a noção de reflexividade nas trajetórias contemporâneas; e Paulo Freire, com sua abordagem da educação baseada na experiência e na prática coletiva.

Pierre Bourdieu: Capital Cultural e Reconhecimento

Bourdieu (1996), ao tratar do campo artístico como um espaço de disputas simbólicas, destaca a importância dos capitais cultural, econômico e simbólico, na definição do reconhecimento e da posição dos agentes dentro do espaço social. No Brasil, muitos artistas formados fora das instituições tradicionais acumulam o que o autor denomina capital cultural incorporado: conhecimentos adquiridos pela vivência, pela prática contínua e pela observação.

Embora legítimo, esse tipo de saber é frequentemente subvalorizado por estruturas mais formais. No entanto, em mercados mais abertos à inovação, como o norte-americano, pode ser convertido em vantagem competitiva. Como aponta

ARAÚJO, J. A.

Bourdieu (1996), a posição dos indivíduos depende do volume e da composição dos capitais que detêm e da trajetória que percorreram. Nesse sentido, artistas multifuncionais, que desempenham múltiplas funções dentro e fora da cena artística, são capazes de ocupar espaços estratégicos em campos mais dinâmicos, ainda que suas formações não sejam reconhecidas institucionalmente no Brasil. Essa lógica multicarreira rompe com as fronteiras estabelecidas entre funções artísticas e exige que o artista atue simultaneamente como intérprete, roteirista, produtor e gestor, algo que, longe de indicar amadorismo, revela uma resposta sofisticada às exigências do mercado contemporâneo.

Anthony Giddens: Reflexividade e Construção de Trajetórias

Complementando essa perspectiva, Giddens (1991) propõe a noção de reflexividade como chave da construção de identidade na modernidade tardia. Em um mundo marcado pela constante transformação, os sujeitos precisam reorganizar continuamente suas narrativas pessoais e profissionais para manter uma sensação de coerência e autonomia. Para artistas brasileiros que atuam em diferentes frentes, como atuação, docência, produção, essa reorganização constante é uma forma de sobrevivência simbólica. Eles não apenas transitam entre funções, mas constroem uma identidade profissional capaz de dialogar com diferentes públicos, instituições e mercados. Como afirma o autor, "a identidade é sempre uma construção reflexiva sustentada pelo discurso biográfico do próprio sujeito" (Giddens, 1991, p. 5).

Essa capacidade de reorganização constante se torna ainda mais crucial em contextos de mobilidade internacional, onde o reposicionamento no mercado americano exige adaptação cultural e reinvenção discursiva. Como destaca Araújo (2018b), a construção da identidade artística se dá por etapas que não seguem uma linearidade previsível, mas exigem articulação narrativa e autoconhecimento.

Paulo Freire: Educação como Prática de Liberdade

Dentro dessa articulação, Paulo Freire oferece uma perspectiva pedagógica centrada na experiência concreta e no saber compartilhado. Para ele, o processo educativo deve partir da realidade vivida pelos sujeitos, valorizando sua escuta ativa e o envolvimento com o mundo ao redor. "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou construção" (Freire, 1996, p. 47).

Essa visão se reflete nas trajetórias de artistas que aprendem por meio da prática, em ensaios, oficinas, gravações, montagens, e que constroem conhecimento em contato direto com o fazer artístico. Biesdorf (2011) reforça essa visão ao afirmar que o aprendizado acontece não pela simples absorção de conteúdos prontos, mas por meio da construção coletiva de saberes e do reconhecimento mútuo.

A educação artística, nessa perspectiva, vai além da técnica. Trata-se também de um processo de formação ética, política e cidadã. É nos ambientes criativos, muitas vezes fora da escola, que os artistas desenvolvem senso crítico, consciência coletiva e autonomia. Como destaca Araújo (2018b), no Brasil, muitos profissionais das artes constroem suas trajetórias de maneira autônoma, a partir da prática cotidiana e da troca

com outros artistas, fora dos circuitos oficiais e frequentemente sem apoio institucional direto. Trata-se de um aprendizado enraizado nas condições sociais e culturais locais.

Essa pedagogia do fazer, que integra pensamento, corpo e ação, parte de uma escuta ativa do sujeito e da realidade que o cerca. Assim, a formação multicarreira deixa de ser uma adaptação forçada e se afirma como uma estratégia potente: ela prepara o artista para atuar em diferentes linguagens e contextos, sem abrir mão de sua singularidade. Com base nesses referenciais teóricos, é possível reconhecer que a experiência brasileira na formação artística, marcada pela informalidade, pela coletividade e pela reinvenção, não apenas responde às condições locais, mas contribui para o surgimento de um profissional global, sensível, versátil e profundamente conectado ao seu tempo.

Tabela 1- Autores da Multicarreira Artística

Autor	Conceitos Centrais	Aplicação à Multicarreira Artística
Pierre Bourdieu	Capital cultural, campo artístico, conversão simbólica	A formação informal gera capital cultural incorporado, que pode ser valorizado em outros campos (como o mercado norte-americano), mesmo que invisível para instituições formais brasileiras.
Anthony Giddens	Reflexividade, construção biográfica, identidade fluida	O artista multicarreira reflete continuamente sobre sua identidade e adapta sua trajetória de forma não linear, reconfigurando seu papel conforme o contexto cultural e profissional.
Paulo Freire	Educação pela experiência, diálogo, prática libertadora	A aprendizagem fora do sistema formal, por meio da prática e da colaboração, é reconhecida como válida e potente. O fazer artístico se torna também um ato educativo e emancipador.

Fonte: Criado pela Autora (2025)

O MERCADO AMERICANO E A VERSATILIDADE BRASILEIRA

A formação de artistas brasileiros por meio de trajetórias multicarreira, marcada por percursos fora dos moldes institucionais e enfrentamento cotidiano de obstáculos locais, à primeira vista, pode parecer fragilidade. No entanto, ao ser confrontada com os padrões internacionais, em especial os do ambiente artístico norte-americano, essa multiplicidade revela outra face: a de um diferencial altamente competitivo. Nesta seção, discutimos como esse repertório híbrido se ajusta às exigências dos Estados Unidos, onde habilidades como improvisação, adaptabilidade e gestão de si mesmo ganham novo valor.

No contexto estadunidense, sobretudo nos campos da atuação, do audiovisual e das artes performáticas, há uma demanda crescente por profissionais que não apenas dominem sua linguagem artística, mas que assumam funções diversas, como de criação a produção, passando por empreendedorismo cultural e comunicação estratégica, uma

versatilidade valorizada no exterior como diferencial competitivo (Amaral; Miorim, 2022). Araújo (2018b, p. 18) observa que “a capacidade de desempenhar múltiplas funções dentro da cadeia produtiva como criar, produzir, divulgar e gerir, torna-se uma estratégia de sobrevivência e permanência no campo cultural”.

Nesse sentido, artistas brasileiros, habituados a conciliar diversas atividades para sustentar suas carreiras, encontram um terreno fértil. Acostumados a circular entre projetos independentes, redes sociais, atividades didáticas e palcos variados, acabam por desenvolver uma flexibilidade que se alinha, quase naturalmente, às dinâmicas contemporâneas do setor. Jaremtchuk (2015) destaca que o artista contemporâneo precisa ser, mais do que nunca, um gestor de si, operando entre campos e funções que exigem iniciativa e visão estratégica. E o que em muitos casos no Brasil nasce de uma necessidade de fazer muito com pouco, transforma-se em vantagem. Soma-se a isso o fato de que muitos desses profissionais buscam formação complementar em métodos amplamente reconhecidos no exterior, como Stanislavsky, Meisner, Adler e Chubbuck. Ao mesclarem práticas locais com saberes internacionais, esses artistas passam a ocupar um espaço singular como mediadores culturais em produções de caráter híbrido.

Já o chamado “*jeitinho brasileiro*”, por muito tempo associado à improvisação e à informalidade, ganha um novo significado quando analisado sob a ótica da inovação criativa e da resposta estratégica. Longe de ser um entrave, esse comportamento ganha contornos de competência criativa, de inteligência aplicada a situações-limite. Amaral e Miorim (2022) destacam que, nos Estados Unidos, os artistas brasileiros que se sobressaem tendem a compartilhar características como prontidão para contornar imprevistos, capacidade de improviso estratégico e maleabilidade diante de mudanças inesperadas. Tais traços, moldados na adversidade, tornam-se altamente valorizadas em ambientes mais estruturados, onde sobreviver requer um tipo de engenhosidade que, fora daqui, é altamente valorizada.

Em cidades como Nova York ou Los Angeles, onde o ritmo dos processos criativos exige respostas ágeis e soluções inventivas, o repertório de adaptação se torna um diferencial. Freire (1996) apontava que ensinar não é simplesmente transmitir, mas abrir caminho para que o conhecimento seja construído, uma lógica que também se aplica à construção do fazer artístico: sensível ao contexto, atento à urgência, alimentado pela escuta.

A experiência multicarreira exige que o artista brasileiro tenha conhecimento provenientes de diversas áreas, da criação artística à produção técnica, passando pela comunicação e gestão e, com isso, desenvolva competências de caráter transnacional. Entre elas, destacam-se a autogestão, a adaptabilidade, a resiliência, a criatividade aplicada e a comunicação intercultural. Cerqueira (2018) evidencia que a formação baseada na vivência cotidiana, sobretudo em contextos informais, proporciona ao artista habilidades fundamentais para navegar em realidades instáveis e atuar em diferentes campos do conhecimento. Esse tipo de trajetória desenvolve escuta sensível, uma leitura crítica do ambiente e capacidades interpessoais que ultrapassam o domínio técnico, inserindo-se no campo das chamadas soft skills globais.

É importante frisar que tais habilidades não surgem apesar da precariedade, elas emergem a partir dela. Como resume Gomes, Moraes e Helal (2015, p. 510), “a

experiência de artistas que se formam no fazer, em constante trânsito entre funções e contextos, constitui uma pedagogia da improvisação, da colaboração e da presença".

Tal conjunto de saberes transforma-se em vantagem prática no cotidiano profissional. Conforme observa Araújo (2018b), a capacidade de desempenhar múltiplas funções como criar, produzir, divulgar e gerir é uma estratégia de permanência no campo artístico, especialmente em contextos em que a autogestão é indispensável. Em processos seletivos nos Estados Unidos, por exemplo, espera-se que o artista não apenas atue, mas também grave, edite e envie sua self-tape de forma autônoma e ágil. Nessa dinâmica, os brasileiros se destacam por sua capacidade de improvisar cenários, adaptar roteiros e resolver problemas técnicos com poucos recursos.

Conforme apontam Amaral e Miorim (2022), o artista brasileiro no exterior chama a atenção por sua habilidade em se adaptar, pela criatividade frente aos desafios e pela prontidão para encontrar soluções práticas em contextos desafiadores. A experiência acumulada em um ambiente marcado pela instabilidade, longe de ser um obstáculo, torna-se uma vantagem competitiva em mercados que valorizam a flexibilidade, a autonomia e a proatividade.

ESTUDOS DE CASO

A presença crescente de artistas brasileiros no mercado cultural norte-americano revela como trajetórias marcadas por formação híbrida e experiências multicarreira podem se converter em vantagens concretas no cenário internacional. A seguir, são analisados os casos de Rodrigo Santoro, Wagner Moura e Alice Braga. Apesar das diferenças em seus estilos e escolhas, esses três nomes compartilham atributos fundamentais: adaptabilidade, versatilidade e acúmulo de capital cultural com alcance além das fronteiras nacionais.

Rodrigo Santoro: Do Set Nacional ao Reconhecimento Global

Rodrigo Santoro iniciou sua carreira nos anos 1990, em novelas da televisão brasileira, ao mesmo tempo em que cursava Jornalismo na PUC-Rio. Após consolidar sua imagem como galã em produções nacionais, passou a investir na diversificação do repertório profissional. Participou de obras cinematográficas autorais, como *Bicho de Sete Cabeças*, ingressou em grandes produções de Hollywood, como *300* e *As Panteras: Detonando*, além de integrar o elenco fixo da série *Westworld*, da HBO.

Sua transição para o exterior foi possível não apenas ao domínio da língua inglesa, mas também ao empenho em formação contínua, frequentando cursos voltados à atuação em frente às câmeras, à fonética e à interpretação em língua estrangeira. Esse processo reflete a ideia de "construção reflexiva da identidade profissional", desenvolvida por Giddens (1991), segundo a qual os indivíduos moldam suas trajetórias de maneira adaptativa frente a novos cenários. No campo simbólico, sua ascensão internacional pode ser interpretada, à luz de Bourdieu (1996), como a transformação de capital cultural nacional em capital simbólico transnacional,

ARAÚJO, J. A.

mostrando como sua imagem pública no Brasil se converteu em passaporte para o circuito artístico global.

Wagner Moura: Entre a Cena Política e a Indústria Global

Wagner Moura deu início à sua trajetória no teatro da Bahia e logo ganhou destaque no cinema nacional com títulos como *Tropa de Elite* (2007). Paralelamente à atuação, formou-se em Jornalismo, e sempre manteve forte engajamento intelectual e político, refletido em sua obra e escolhas de carreira. Sua formação artística se desenhou por meio de práticas constantes, coletivos independentes e cursos livres, características recorrentes entre artistas brasileiros com formação híbrida.

O reconhecimento internacional chegou com a série *Narcos* (Netflix), na qual interpretou Pablo Escobar após um processo de imersão histórica e aprendizado do espanhol. Mais adiante, dirigiu o longa *Marighella*, demonstrando domínio técnico em diferentes áreas da criação. Sua trajetória se alinha ao conceito de *práxis*, como formulado por Freire (1996): um modo de agir transformador, baseado na reflexão crítica e na ação comprometida com a realidade social. Além disso, sua atuação como diretor, produtor e ator reforça o papel estratégico da multicarreira frente à precariedade estrutural da cultura brasileira, evidenciando como essa multiplicidade é valorizada no mercado global.

Alice Braga: Bilíngue, Versátil e Autogerida

Alice Braga representa um dos nomes mais emblemáticos da transição entre o cinema brasileiro e o mercado internacional. Após se destacar em *Cidade de Deus* (2002), consolidou sua presença em produções como *Eu Sou a Lenda* (2007), *The Shack* (2017) e, mais recentemente, na série *Queen of the South* (2016–2021), na qual também assumiu a função de produtora executiva. Seu percurso transita entre o cinema independente, blockbusters e gestão criativa.

Diferente do caminho tradicional acadêmico, sua formação foi construída por meio de cursos livres, oficinas e experiências práticas no set de filmagem, configurando o que Gomes, Moraes e Helal (2015) denominam “*pedagogia do fazer*”, um modelo de aprendizado baseado na prática, na experimentação e na colaboração. Seu domínio do inglês é resultado da convivência precoce com a cultura estadunidense, o que lhe conferiu fluência cultural e linguística, características valorizadas em circuitos multiculturais. Segundo Veras (2021), desde o início do século XX artistas brasileiros já demonstravam habilidade em articular linguagens culturais diversas, ajustando-se a diferentes linguagens e mercados sem perder sua singularidade expressiva, capacidade que Braga também incorpora com naturalidade.

Esse três exemplos apontam para uma constatação central: a formação artística brasileira, ainda que não convencional, baseada em práticas não formais e marcada pelo acúmulo de funções, tem gerado profissionais altamente qualificados para atuar em contextos internacionais. Ao transformar experiências locais em repertórios globais, esses artistas se legitimam em diferentes circuitos culturais, reforçando a multicarreira.

não apenas como resposta às adversidades, mas como estratégia de inovação, autonomia e inserção global.

DISCUSSÃO E ANÁLISE

A análise dos casos de Rodrigo Santoro, Wagner Moura e Alice Braga evidencia que a trajetória multicarreira dos artistas brasileiros, frequentemente desenvolvida fora dos formatos convencionais de formação, não apenas encontra espaço no cenário internacional, mas configura-se como uma estratégia bem-sucedida de inserção e diferenciação. Diante de um campo cultural nacional marcado pela instabilidade estrutural, escassez de recursos e políticas públicas intermitentes, esses profissionais constroem competências que são exigências nos mercados globalizados. Quando confrontadas com a teoria, essas trajetórias possibilitam uma compreensão ampliada e crítica da multicarreira enquanto modelo legítimo de formação e atuação artística.

Conforme Bourdieu (1996), o capital cultural não se resume à educação formal certificada. As experiências analisadas mostram formas legítimas de capital incorporado, originadas em espaços não hegemônicos de aprendizado: oficinas, coletivos, ambientes autogeridos, práticas informais. Santoro buscou especialização técnica fora do meio universitário; Braga construiu sua versatilidade a partir de experiências em sets de filmagem e oficinas práticas; Moura articulou sua formação política e multifuncionalidade em espaços independentes. Em todos os casos, o aprendizado se deu pela ação, o que Freire (1996, p. 25) denomina de "*práxis*".

Além disso, as histórias desses artistas ilustram de forma exemplar o conceito de reflexividade biográfica proposto por Giddens (1991). A constante revisão de suas trajetórias, a reorganização das identidades profissionais e o ajuste às exigências culturais, simbólicas e mercadológicas de novos contextos caracterizam uma habilidade central das carreiras contemporâneas. Santoro, Moura e Braga demonstram capacidade de articulação entre passado e presente, reconfigurando-se para manter relevância e coerência em suas atuações internacionais.

Nesse processo, o "*jeitinho brasileiro*", tradicionalmente associado à improvisação e informalidade, ressurge sob uma nova ótica: a da inteligência criativa. Longe de representar falta de planejamento, trata-se de uma competência pragmática, que envolve flexibilidade, capacidade de solucionar problemas, agilidade na tomada de decisão e ressignificação de recursos limitados. Nos Estados Unidos, essas habilidades são assimiladas como soft skills fundamentais, como proatividade, adaptabilidade e pensamento estratégico. Amaral e Miorim (2022) destacam como essas capacidades fazem com que artistas brasileiros empreendedores se destaquem no exterior, justamente por saberem responder de forma criativa aos imprevistos do processo produtivo.

Dessa perspectiva, a multicarreira aparece não apenas como resposta adaptativa à precarização cultural no Brasil, mas como verdadeiro instrumento de resistência criativa e inovação. Trata-se de uma pedagogia da escassez que forja autonomia, criatividade e pensamento crítico. Paradoxalmente, esse repertório moldado

ARAÚJO, J. A.

em cenários de carência acaba se convertendo em trunfo em contextos mais estruturados, como o dos Estados Unidos. Conforme observam Gomes, Moraes e Helal (2015), transitar entre diferentes funções, linguagens e espaços de atuação capacita o artista a operar com fluidez e eficácia em diversas frentes do campo cultural.

Esse reconhecimento, no entanto, ainda encontra barreiras dentro do próprio Brasil. A formação artística não formal segue subvalorizada em diversas políticas públicas, apesar de sua eficácia evidente. A ausência de certificação institucional não significa ausência de competência. Cerqueira (2018) argumenta que trajetórias formadas fora das estruturas tradicionais estão, muitas vezes, mais preparadas para lidar com a complexidade, instabilidade e transversalidade do mundo do trabalho criativo.

A qualificação artística não se adquire nem se possui: ela se elabora e constitui no próprio exercício da atividade, realizada ao ritmo das apresentações, exposições e manifestações públicas. Essa característica faz com que a trajetória do artista seja menos dependente de certificações formais e mais vinculada à prática constante e à construção de uma identidade reconhecida por seus pares (Nicolas-Le Strat, 1998, p. 112)

Torna-se, portanto, urgente rever e ampliar políticas de fomento à arte que considerem e valorizem formações híbridas e saberes não formais. Editais que reconheçam múltiplas formas de aprendizado, mecanismos de validação da experiência e programas de capacitação acessíveis podem ampliar o alcance e a inserção dos artistas brasileiros não apenas no mercado nacional, mas também em circuitos globais. Reconhecer o valor da multicarreira é também reconhecer as múltiplas formas de produção cultural que resistem à homogeneização institucional.

Por fim, é importante reconhecer os limites desta pesquisa. Ainda que os estudos de caso apresentados sejam significativos, trata-se de trajetórias consolidadas, o que restringe a possibilidade de generalizações. Estudos futuros podem ampliar esse escopo, explorando trajetórias emergentes de artistas periféricos ou de outras regiões do Brasil, e realizando cruzamentos com dados quantitativos sobre mobilidade e inserção internacional no campo artístico.

CONCLUSÃO

Este artigo procurou entender como a trajetória multicarreira, tal como se desenvolve no Brasil, entre improvisos, reinvenções e ausência de garantias, pode representar um trunfo na inserção de artistas em mercados estrangeiros, em especial o dos Estados Unidos. O que se revelou foi mais do que uma adaptação às carências locais: trata-se da formação de um repertório profissional amplo, moldado pela prática, pelo acúmulo de funções e pela convivência com diferentes linguagens e ambientes criativos. Resultando em um repertório altamente valorizado em mercados criativos como o norte-americano.

Ao invés de seguir um caminho linear e institucionalizado, como preveem modelos de ensino tradicionais, os artistas brasileiros constroem suas trajetórias em uma realidade que exige autonomia desde o início. São formações desenhadas na tentativa,

no erro, na colaboração entre pares, em experiências que se acumulam e produzem saber. Nesse sentido, a leitura de Gomes, Moraes e Helal (2015) é certeira: a aprendizagem no campo das artes, no Brasil, não se restringe aos espaços acadêmicos. Ela floresce também nas redes informais e nas estratégias de autogestão que, embora raramente legitimadas, revelam-se um diferencial competitivo fora do país, especialmente onde a versatilidade é condição para se destacar.

No meio disso tudo, o famoso “jeitinho brasileiro” ganha nova roupagem. Aquilo que durante tanto tempo foi visto como sinal de informalidade ou improviso passa a ser reconhecido, nos contextos internacionais, como uma inteligência prática. É essa habilidade de reorganizar o que se tem à mão, de criar com poucos meios e manter qualidade mesmo na escassez, que permite a esses artistas não só sobreviverem, mas se sobressaírem em ambientes altamente competitivos. O que um dia foi tática de sobrevivência, hoje se reconhece como estratégia de inovação.

Por essa razão, é fundamental que o Brasil repense a forma como enxerga e valoriza essas trajetórias múltiplas. Se em países como os Estados Unidos a habilidade de “*fazer mais com menos*” já é vista como diferencial profissional, talvez seja o momento de o Brasil reconhecer o valor do talento que nasce da escassez e floresce na capacidade de reinvenção. Araújo (2018a) reforça a importância de reconhecer trajetórias híbridas como formações legítimas e inovadoras. O que o mundo rotula como soft skill, aqui há muito tempo já é conhecido como “jeitinho brasileiro” e, mais do que nunca, merece ser rebatizado como o que de fato é: competência cultural.

Artigo recebido em: 13/06/2025
Aprovado para publicação em: 05/08/2025

FROM IMPROVISATION TO VERSATILITY: HOW BRAZILIAN MULTI-CAREER PATHS PREPARE ARTISTS FOR THE U.S. MARKET

ABSTRACT: This article aims to analyze how the multi-career experience of Brazilian artists prepares them to work in the U.S. artistic market. Using a qualitative approach, supported by literature review and case studies, it investigates the role of informal education, self-management, and versatility as factors of professional development. Drawing on authors such as Bourdieu, Freire, and Giddens, it is argued that the “*Brazilian way*” can be understood as a creative competence valued globally. It is concluded that hybrid trajectories, although little recognized institutionally in Brazil, represent a competitive advantage in more structured contexts.

KEYWORDS: Multi-Career; Brazilian Artists; Informal Education; Soft Skills.

ARAÚJO, J. A.

DEL INGENIO A LA VERSATILIDAD: CÓMO LA MULTICARRERA EN BRASIL PREPARA LOS ARTISTAS PARA EL MERCADO ESTADOUNIDENSE

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo analizar de qué manera la carrera múltiple de los artistas brasileños los prepara para actuar en el mercado artístico estadounidense. Con un enfoque cualitativo, sustentado por revisión bibliográfica y estudios de caso, se investiga el papel de la educación informal, la autogestión y la versatilidad como factores de formación profesional. A partir de autores como Bourdieu, Freire y Giddens, se argumenta que el "*jeitinho brasileño*" puede entenderse como una competencia creativa valorada globalmente. Se concluye que las trayectorias híbridas, aunque poco reconocidas institucionalmente en Brasil, son una ventaja competitiva en contextos más estructurados.

PALABRAS CLAVE: Multicarrera; Artistas Brasileños; Educación Informal; Habilidades Blandas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, A. P.; MIORIM, M. A. **O jeitinho do empreendedor brasileiro de fazer negócios nos EUA.** Breezy Seguros, 2022. Disponível em: <https://breezyseguros.com/pt-br/jeitinho-brasileiro-de-fazer-negocios/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ARAÚJO, J. A. **Carreiras simultâneas: a conciliação entre uma carreira tradicional e uma carreira artística.** Monografia (Graduação em Administração) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018a. DOI: <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.14942.75842>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/389750240_CARREIRAS_SIMULTANEAS_A_CONCILIACAO_ENTRE_UMA_CARREIRA_TRADICIONAL_E_UMA_CARREIRA_ARTISTICA. Acesso em: 10 jun. 2025.

ARAÚJO, V. H. A. **O processo de autogestão no desenvolvimento da carreira artística.** Trabalho Conclusão de Curso (Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico) -Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2018b. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/22329/1/2018_VictorHugoAlvesAraujo_tcc.pdf. Acesso em: 10 jun. 2025.

BIESDORF, R. K. O papel da educação formal e informal: educação na escola e na sociedade. **ItinerariusReflectionis**, Jataí, v. 7, n. 2, p. 151–161, 2011. DOI: <https://doi.org/10.5216/rir.v1i10.1148>. Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/20432>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BOURDIEU, P. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CERQUEIRA, A. P. C. de. Política cultural e trabalho nas artes: o percurso e o lugar do Estado no campo da cultura. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 32, n. 92, p. 239–254,

2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/qp6yJmDWS6w9qWdmX3T9jjm/?lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIACANCLINI, N. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

GIDDENS, A. **Modernity and self-identity: self and society in the late modern age**. Cambridge: Polity Press, 1991.

GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 135–154, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362006000100003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xq9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

GOMES, D. C.; MORAES, A. F. G.; HELAL, D. H. Faces da cultura e do jeitinho brasileiro: uma análise dos filmes O Auto da Compadecida e Saneamento Básico. **Holos**, v. 6, p. 502–519, 2015. DOI: <https://doi.org/10.15628/holos.2015.2988>. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2988>. Acesso em: 10 jun. 2025.

JAREMTCHUK, D. “**Exílio artístico”: trânsito de artistas brasileiros para Nova York durante as décadas de 1960 e 1970**”. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, 2015. Disponível em: <https://www.iea.usp.br/pesquisa/publicacoes/projeto-sabatico-daria-jaremtchuk>. Acesso em: 10 jun. 2025.

NICOLAS-LE STRAT, P. **Une sociologie du travail artistique: artistes et créativité diffuse**. Paris: L'Harmattan, 1998.

VERAS, F. R. Trajetória híbrida: as contribuições de Oduvaldo Vianna para a inserção brasileira no circuito do mercado de entretenimento latino-americano (1923–1946). **Revista de História**, São Paulo, n. 180, p. 1–24, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2021.169176>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/169176>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ARAÚJO, J. A.

JÉSSICA ALVES ARAÚJO: Mestranda em Business Management no St. Francis College (SFC), em Nova York, EUA. Bacharela em Administração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. Membro da Academia Brasileira de Cinema.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7127-0336>

E-mail: jalvesaraudo@sfc.edu

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 3.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).